

Presença negra ou imprensa negra? Os casos do correio da lavoura, a crítica e o 14 de dezembro na grande Iguazu (1917-1939)

Black presence or black press? The cases of correio da lavoura, a crítica and 14 de dezembro in grande Iguazu (1917-1939)

Diogo Piassá das Mercês

Como citar esse artigo. MERCÊS, D. P. Presença negra ou imprensa negra? Os casos do correio da lavoura, a crítica e o 14 de dezembro na grande Iguazu (1917-1939). *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 14, n. 3, p. 190-203, set./dez. 2023.

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar algumas notas sobre as modalidades de imprensa mobilizadas na Grande Iguassú por e a partir das experiências jornalísticas instituídas por Silvino Azeredo e o Correio da Lavoura, periódico fundado em 22 de março de 1917 no município-sede de Iguazu, Rio de Janeiro. Embebido pelas pesquisas estabelecidas no decurso do mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e estimulado pelo artigo de opinião “Imprensa negra, há 190 anos” publicado no periódico O Globo, procuro estabelecer um diálogo com as pesquisas de Pinto (2006; 2010; 2018) sobre as modalidades de imprensa negra, utilizando os vestígios imagéticos a partir dos diálogos com Burke (2004). Estabelecendo como norte três práticas instituídas pela família Azeredo, foi possível localizar os espaços de atuação e os objetivos perspectivados por e a partir dos periódicos da família Azeredo. Espera-se com esse trabalho, colaborar com as pesquisas sobre as modalidades jornalísticas negras na Baixada Fluminense.

Palavras-chave: Presença Negra; Imprensa Negra; Baixada Fluminense; Silvino Azeredo; Correio da Lavoura.



Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Abstract

The present article aims to present some notes on the press modalities mobilized in Grande Iguassu by and from the journalistic experiences established by Silvino Azeredo and the Correio da Lavoura, a periodical founded on March 22, 1917, in the municipality of Iguazu, Rio de Janeiro. Immersed in the research conducted during the Master's in Education in the Graduate Program in Education at the Federal University of Rio de Janeiro and inspired by the opinion article “Imprensa negra, há 190 anos” (Black Press, 190 years ago) published in the newspaper O Globo, I seek to establish a dialogue with Pinto's (2006; 2010; 2018) research on black press modalities, using imagery traces through dialogues with Burke (2004). By orienting towards three practices established by the Azeredo family, it was possible to identify the areas of operation and objectives envisioned by and from the Azeredo family periodicals. This work aims to contribute to research on black journalistic modalities in the Baixada Fluminense.

Keywords: Black Presence; Black Press; Baixada Fluminense; Silvino Azeredo; ‘Correio da Lavoura.

Introdução

O trabalho aqui apresentado emergiu intermediado pelo encontro de duas forças: a primeira se relaciona diretamente com as produções empreendidas no curso do mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGE/FE/UFRJ – onde, a partir do *Correio da Lavoura* – periódico fundado por Silvino de Azeredo, intelectual afroiguaçuano, em 22 de março de 1917, no município-sede de Iguazu, que tinha como divisas “a lavoura, a higiene e a instrução” – propus trazer algumas notas sobre os movimentos e (des)caminhos trilhados por Azeredo e seus colaboradores nos (des)sabores nas/das vidas nas urbes, os jogos políticos e as relações

Afiliação dos autores:

¹Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE/FE/UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

* Email de correspondência: diogolione@gmail.com

Recebido em: 10/10/2023. Aceito em: 04/12/2023.

de saber-poder entretecidas entre os diferentes sujeitos, por e a partir de seu periódico instituído na Grande Iguazu¹. Variando a escala de observação, procurei escrutinar alguns dos movimentos e jogos que convergiram para a instituição do Grupo Escolar Rangel Pestana e a casa de caridade Hospital Iguassú, ambas edificadas também no município-sede. Tais instrumentos alinhavam-se no conjunto de ações profiláticas pensadas como essenciais nos idos das primeiras décadas do século XX para a conformação da população.

O segundo impulso emergiu a partir do encontro com o artigo de opinião “Imprensa Negra, há 190 anos²” publicado no jornal *O Globo* em 8 de setembro de 2023. Na publicação da jornalista Flávia Oliveira, é apresentado a sua audiência o oportuno encontro entre a pesquisadora, historiadora e atual dirigente-geral do Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, Ana Flávia Magalhães Pinto e Marco Lucchesi, presidente da Fundação Biblioteca Nacional, responsável pelo Repositório Digital³ Hemeroteca Digital, sítio virtual com significativo quantitativo de periódicos digitalizados e disponibilizados para consultas. A historiadora, que pesquisa a imprensa negra no século XIX, em seus (des)caminhos, identificou, em um microfilme, uma publicação do periódico *O Progresso – Orgão dos Homens de Cor*⁴, que data de 24 de agosto de 1899 (PINTO, 2006). Na publicação em questão, a folha estampa em sua primeira página uma xilogravura de Luiz Gama, no 17º aniversário de sua morte. Gama⁵, que se formou em Direito, lutou pela liberdade de escravizados e afrodescendentes cativos. O periódico prestava uma homenagem à Gama e seu empenho na causa abolicionista. Contudo, como informa a coluna da jornalista, a publicação ainda não havia sido digitalizada e disponibilizada para a apreciação da população (PINTO, 2006).

Do oportuno encontro entre a historiadora e o diretor da fundação, emergiu o interesse em compartilhar a publicação com pesquisadores, estudiosos, professores e demais interessados no assunto. O periódico, de envergadura e relevância para os estudos das questões étnico-raciais, é, de acordo com Pinto (2010) um dos primeiros movimentos da chamada Imprensa Negra no território nacional.

Pinto (2010) publicou importantes trabalhos nessa direção. Entre eles, “Imprensa negra no Brasil do século XIX” (2010) e “Escritos da Liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil Oitocentista” (2018). O primeiro, inclusive, figura como referencial teórico utilizado para escrutinar as ações de Azeredo e seu periódico na Grande Iguazú. O livro lançado em 2010 pela editora Selo Negro, é um desdobramento da dissertação apresentada ao programa de Mestrado em História da Universidade de Brasília. Em sua produção, a pesquisadora estabelece e apresenta alguns dos critérios escolhidos para elencar essa modalidade de imprensa. De acordo com Pinto (2006) a pesquisadora recorreu “à sugestão de Antônio Candido presente em suas reflexões sobre a formação do sistema literário brasileiro e tomo as categorias ‘autor’, ‘obra’ e ‘autor’, na qualidade de momentos da produção comunicativa” (PINTO, 2006). As categorias, segundo a proposta, norteariam as análises que seriam produzidas a partir dos diálogos estabelecidos com os periódicos selecionados. Proposições que trataremos nas próximas seções deste artigo.

1 A Grande Iguazu, entre o final da década de 1930 e início dos anos 1940 experimentará uma série de movimentos emancipatórios que fragmentaram seu território, transmutando-o no que hoje conhecemos como Baixada Fluminense: Nova Iguazu, Mesquita, Belford Roxo, Nilópolis, São João de Meriti, Duque de Caxias e Japeri. Sobre os processos de emancipação, ver: SIMÕES, 2006.

2 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniaoflavia-oliveira/coluna/2023/09/imprensa-negra-ha-190-anos.html> Acesso em 02 out. 2023.

3 De acordo com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), os Repositórios Digitais (RD) são conjuntos de dados disponibilizados na internet, organizados e catalogados por eixos temáticos. Esses RD armazenam conjuntos de vestígios multimodais, isto é, documentos manuscritos, imagéticos, digitalizados e natos digitais para as consultas. Sobre esse assunto ver: <http://sitehistorico.ibict.br/informacao-para-ciencia-tecnologia-e-inovacao%20/repositorios-digitais> Acesso em 02 out. 2023.

4 O periódico editado por Francisco de Paula Brito, figura como um dos primeiros jornais a lutar pela causa da liberdade para escravizados e afrodescendentes cativos, no período anterior à Abolição da Escravidão. Sobre o periódico, ver: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-homem-de-cor/> Acesso em: 02 out. 2023.

5 Luiz Gonzaga Pinto da Gama foi advogado, abolicionista, orador, jornalista e escritor brasileiro. Apesar de ser filho de uma mãe negra livre e um pai branco, foi feito escravizado aos 10 anos de idade. Ao conseguir judicialmente sua liberdade, se alfabetizou e, em seus (des)caminhos, formou-se em Direito e passou a lutar na justiça pelas causas abolicionistas. Sobre a vida de Gama, ver: MOLINA, 2018.

Os Critérios: Alguns cuidados metodológicos necessários

Os periódicos se converteram em entradas profícuas para as pesquisas que procuram escrutinar as ações dos sujeitos em seus cotidianos. A obra “História da imprensa no Brasil” (2008), por exemplo, aborda a relevância dessa temática e os cuidados metodológicos necessários no trato e inquirição desses documentos. Estimulado por essa produção, encontrei-me de maneira oportuna com a chamada da jornalista Flávia Oliveira. Na coluna publicada no *O Globo*, a jornalista recebe a pesquisadora Ana Flávia Magalhães Pinto e essa, ao tratar sobre os estudos das imprensas, nos informa que são necessários certos cuidados nas análises dos periódicos que enveredam pela temática negra. A historiadora afirma que a presença negra nas tipografias é anterior à modalidade de Imprensa Negra (PINTO, 2006; 2010; 2018). Pinto (2010) que estuda a imprensa negra no século XIX e XX demarca em sua análise os vários periódicos dirigidos por homens negros e como estes sujeitos, por e a partir da imprensa, denunciavam as mazelas da escravidão e o hiato em que se encontravam as populações ainda cativas. Estes sujeitos, a partir dos jornais e tipografias formavam redes de sociabilidade e solidariedade, se fortalecendo enquanto grupo e encorpavam suas vozes, atraindo luzes para essa questão tida como sensível e fundamental. Para tal, estabeleceu alguns enquadramentos dos periódicos, estruturando o que ela denominou de Imprensa Negra: o(s) autor(es), obra(s) e público(s), eixos que norteariam o escrutínio das publicações:

(...) recorri às categorias “autor”, “obra” e “público”, na qualidade de momentos da produção comunicativa, como estratégia de explicação. Assim, a noção de pertencimento orientaria essas três instâncias de acordo com suas especificidades. O reconhecimento de um jornal como manifestação da imprensa brasileira passaria pelos laços do periódico com o espaço em questão: feito por brasileiros; em solo brasileiro; direcionado a um público brasileiro; em estreito diálogo com esse público; tratando de assuntos brasileiros.

Como mostraram a história e historiografia da imprensa brasileira, a depender dos interesses, da ocasião e das perspectivas, tais requisitos não precisaram ser contemplados em sua totalidade para que um impresso fosse afirmado como tal. (...) Desse ponto de vista formal, imprensa negra, imprensa brasileira, imprensa abolicionista, imprensa operária ou imprensa feminina seriam somente expressões compostas em que o adjetivo sugere possibilidades de entendimento, às quais também se conectam questões relativas à autoria, ao público e aos objetivos – jornais feitos por negros; para negros, veiculando assuntos de interesse das populações negras (PINTO, 2010, p. 20).

Para Pinto (2010) os jornais feitos por pessoas negras, para pessoas negras e que comungasse das mesmas condutas e ideias estariam dentro das delimitações propostas. Esses periódicos concorreriam, então, para a chamada Imprensa Negra. Como bem alertou, é preciso separar a presença desses sujeitos nas muitas folhas que eram veiculadas no período, atuando como jornalistas, correspondentes, funcionários e outras tantas funções, daquelas publicações que tensionavam diretamente em seus escritos as questões raciais e o combate explícito da Escravidão. Sua investigação apresentou, em linhas gerais, as práticas e condutas aplicadas pelos sujeitos envolvidos com essas mídias, assim como garantiu “a veiculação de fragmentos de representações forjadas por homens negros livres ou até mesmo libertos acerca de questões caras ao seu cotidiano” (PINTO, 2006). Para além daquele periódico citado na abertura desse artigo mapeou os periódicos *Brasileiro Pardo*, *O Cabrito* e *O Lafuente*, todos no Rio de Janeiro⁶.

Estabelecendo um diálogo com as proposituras estabelecidas por Pinto (2006; 2010) é possível indiciar que as reflexões praticadas por esses sujeitos estariam diretamente relacionadas por e a partir de suas vivências e experiências enfrentadas/mediadas/produzidas nos cotidianos e nas relações

6 A pesquisadora Ana Flávia M. Pinto também identificou experiências em outras unidades da federação (PINTO, 2010). No entanto, como esse trabalho procura estabelecer um diálogo entre sua produção e as práticas jornalísticas estabelecidas na Grande Iguazu, o presente artigo ficará somente no âmbito do Estado do Rio de Janeiro.

entretidas entre si e o meio que as cerca, numa relação simbiótica. Isto significa, e é possível conjecturar, que cada *modalidade* jornalística negra apresentaria nuances e singularidades que as diferenciariam das outras possibilidades. Sem exageros e longe de colocar certezas nos (des)caminhos daqueles que nos antecederam, os sujeitos expressariam em suas páginas aquilo que observavam e intentavam enquanto mudanças sociais, culturais e/ou políticas. Desta feita, haveria uma linha tênue e elástica que, influenciada pelos (des)sabores das urbes e das múltiplas questões cidadinas, poderia pender-se tanto para um lado quanto para o outro, instigando as seguintes questões: como estabelecer e categorizar a atuação de sujeitos pretos nos seus periódicos? Quais os limites para estabelecer uma presença negra? Como essa presença negra transmuta-se em Imprensa Negra? Haveria sujeitos que transitaram entre os dois aspectos? Com o objetivo de incrementar essas indagações, trataremos agora sobre as experiências localizadas nas imprensas da Grande Iguaçu.

Imprensa Negra? O Intelectual Afroiguaçuano Silvino de Azeredo e o *Correio da Lavoura*.

Para delinear o que aqui vem sendo apresentado, três ocorrências jornalísticas da Grande Iguassú foram escolhidas: os casos do *Correio da Lavoura*, *A Crítica* e o *14 de Dezembro*, periódicos pertencentes à família Azeredo, prática jornalística influenciada diretamente por seu patriarca, Silvino Hypolito de Azeredo Coutinho.

Silvino Azeredo nasceu na Vila⁷ de Iguassú⁸ em 17 de julho de 1858. Homem preto, nasce livre antes da primeira lei pró-emancipação⁹ da população escravizada e afrodescendente. Sabe-se pouco sobre esses primeiros dias e sua infância. As informações que sobreviveram ao tempo foram compiladas por seu filho Luiz Martins de Azeredo em uma pequena biografia (AZEREDO, 2007).

Antes de se estabelecer efetivamente no Arraial de Maxambomba – as terras que mais tarde se transformariam na cidade de Nova Iguaçu que hoje conhecemos – empreendeu uma vida pública ativa e dinâmica. Como nos informa Luiz Martins de Azeredo (2007), após perder seus pais, Cândido de Almeida de Azeredo Coutinho e Tereza Joaquina Conceição Coutinho, Silvino Azeredo é entregue aos cuidados de um tutor por nome de Antônio Manoel de Castro Portugal.

Atuando em pequenos trabalhos na região do Engenho de Dentro, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, adoece e é aconselhado a se mudar para a cidade de Pati dos Alferes, localizada na microrregião de Vassouras, no Vale do Paraíba fluminense. Não se sabe qual doença o acometeu (AZEREDO, 2007). Contudo, dada a recomendação para que “suba à serra”, pode-se conjecturar que seu mal tenha sido algo relacionado às moléstias respiratórias.

Lá chegando, conseguiu trabalho na agência dos Correios. Por conta dos laços de sociabilidades estabelecidos naquela localidade, em especial com os fazendeiros, algum tempo depois, conseguiu ser matriculado no Externato Jásper e nos colégios Aquino e São Bento, instituições de referência do período. Mais tarde, nos idos de 1885, matricula-se no Instituto Farmacêutico do Rio de Janeiro. Enquanto estudava, lecionava matemática no Liceu Literário Português, no centro da cidade do Rio de Janeiro, na efervescência dos últimos anos do período imperial (AZEREDO, 2007).

7 De acordo com José Mattoso Maia Forte (1933), o território da Vila estendia-se, a partir de seu centro, até a Vila de Magé, chegando também à baía da Guanabara, subia a serra do Tinguá e da Viúva até as cercanias de Nossa Senhora da Conceição de Alferes e Sacra Família, pertencentes à Vassouras e chegando finalmente à Itaguaí.

8 Do Tupi, “pedra em forma de ponta”. Fonte: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/noticias/destaque/tingua-conserva-pedaco-de-mata-atlantica> Acesso em 06/12/2023.

9 Em 1850, a lei 581 de 4 de setembro de 1850 – Lei Eusébio de Queiros – estabeleceu medidas de combate à escravização de africanos. Em 28 de setembro de 1871 é promulgada a Lei 2.040 – conhecida como Lei do Ventre Livre – que declarava a condição de livres aqueles e aquelas que nascessem a contar do estabelecimento e efetivação da legislação. Sobre a lei 581 de 1850, ver: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim581.htm. Para a lei 2.040 de 1871, ver: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm. Acessos em: 06/12/2023.

Em 22¹⁰ de junho 1889, subiu novamente à serra e casou-se com Avelina Martins Coimbra na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Pati dos Alferes. Do matrimônio, nasceram 16 crianças.

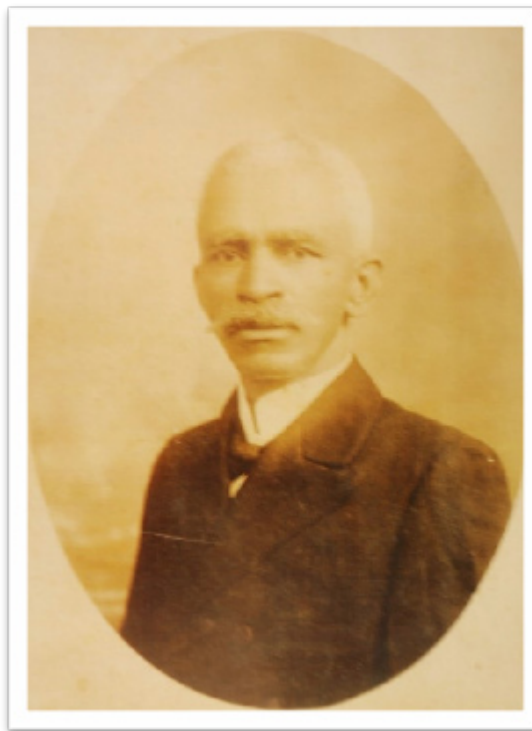


Figura 1. Silvano de Azeredo.

Fonte: Arquivo Pessoal de Vinicius Menezes de Azeredo.

Encerrando seu tempo na capital, fixou residência em Tatuí¹¹, onde possuía um pequeno sítio. No ano de 1893, retorna novamente para a cidade de Pati dos Alferes e dedica-se ao ramo da hotelaria e dos secos e molhados¹². Entre os anos de 1900 e 1904, intercalou idas e vindas entre as cidades de Pati e Tatuí. Ainda no ano de 1904, começou a trabalhar nas Capatazias da Alfândega, novamente na cidade carioca. No ano de 1908, mudou-se efetivamente com a família para uma propriedade na Estrada da Prata – hoje bairro do Califórnia, em Maxambomba¹³, terras que deram origem a cidade de Nova Iguaçu. Em 1912 colaborou na criação do Curso Barbosa, no Arraial de Maxambomba (AZEREDO, 2007).

Em 1913, recebeu a indicação para atuar como relator da comissão de revisão dos estatutos da Caixa Auxiliadora dos Empregados das Capatazias, instituição na qual foi eleito presidente em 22 de abril de 1914. Deixando a vida pública, funda, em 22 de março de 1917, o periódico *Correio da Lavoura*, um dos vinte jornais mais antigos do Brasil ainda em circulação (AZEREDO, 2007).

Essa permeabilidade social verificada na vida de Silvano Azeredo vai ao encontro do que Jean-François

10 Não há aqui o interesse de atribuir certezas nos (des)caminhos trilhados por Silvano Azeredo. No entanto, é interessante apontar que o número “22” emerge na vida do intelectual em momentos singulares: na data do seu casamento, 22 de junho, na elevação a presidente da Caixa Auxiliadora dos Empregados das Capatazias, em 22 de abril e no início dos trabalhos do *Correio da Lavoura*, em 22 de março.

11 Os vestígios não apontam com exatidão a localidade de Tatuí. Contudo, é possível conjecturar que o lugarejo estivesse nas proximidades de Pati dos Alferes.

12 De acordo com o dicionário Priberam, secos e molhados são o “conjunto de géneros alimentares sólidos e líquidos que se vendem geralmente nas mercearias e em outras lojas de retalhos”. Definição disponível em: <https://dicionario.priberam.org/secos%20e%20molhados>. Acesso em 25 set. 2023.

13 Maxambomba é uma corruptela do termo “Machine-bomb” ou “Machine-pumb”, um tipo de locomotiva pequena muito utilizada para o transporte de passageiros, contando com uma pequena locomotiva e dois ou três pequenos carros. Sobre o termo ver: RODRIGUES, 2006.

Sirinelli (1994) estabeleceu como *intelectual*. Cláudia Alves (2019) em diálogo com Sirinelli (1994) assenta que esse *fazer* intelectual “refere-se à participação na coletividade, de modo a interferir e buscar contribuir nas decisões de caráter conjunto, embora nem sempre de interesse comum, ou seja, na condição política, no seu sentido lato” (ALVES, 2019). Isto significa que o intelectual é o sujeito que está permeando as urbes, envolvendo-se nos diferentes murmúrios das cidades, engajando-se de maneira ativa e/ou passiva nos problemas citadinos.

Nessa direção, Gomes e Hansen (2016) colaboram significativamente na compreensão dessa prática, desse *fazer*. É possível inferir que os intelectuais são sujeitos múltiplos, que produzem e põe em prática suas ambiências em diferentes estratos, sejam eles públicos ou privados, se envolvendo, aproximando, constituindo, derribando, se afastando, e estabelecendo novos acordos em alinhamento com as costuras propostas para cada momento específico, edificando redes de sociabilidade e solidariedade (GOMES; HANSEN, 2016).

Essas redes constituem-se em teceduras, isto é, costuras intermediadas por eixos que ligam e aproximam esses sujeitos, como, por exemplo, a redação de uma revista ou jornal, configurando-se nos chamados “microclimas”, onde se “cimenta as adesões e dissensões (...) e as relações de poder que atravessam essas redes de sociabilidade” (ALVES, 2019, p. 29). Nessa direção, a redação do *Correio da Lavoura* configurou-se nesse espaço mediado mobilizado por Silvino Azeredo.

De acordo com Amália Dias (2014a), havia no município-sede de Iguassú, nos idos das duas primeiras décadas do século XX, algo em torno de 45 periódicos pulverizados por seu território. Somente um deles seguiu publicando até os nossos dias, o *Correio da Lavoura*. Fundado em 22 de março de 1917, em uma continuação da folha “d’ O Iguassú”¹⁴, o periódico tinha como suas divisas a “lavoura”, a “higiene” e a “instrução”, segmentos tidos como de primeira importância para a cidade que se pretendia fazer nova: uma lavoura *moderna* e apta aos novos tempos, o saneamento das regiões insalubres que tanto afetavam os moradores da Grande Iguassú e a necessidade eminente de uma população educada, pronta para atuar de maneira eficiente tanto como bacharel quanto lavrador.

Na edição que abre os novos trabalhos, é apresentado à audiência que o semanário será “um jornal sério, próprio para o interior; adequado aos pequenos povoados, que vivem família; dedicado mais ao nobre e honrado lavrador – ente feliz e independente qual a divisa deste jornal” (NOSSO OBJECTIVO, 1917)¹⁵.

Intitulando-se como um jornal “apartidário” – ainda que, mais tarde, atuasse em favor das elites ruralistas locais – informa ainda que em suas colunas “será consagrado o maior culto à honra, à verdade e à justiça; manifestando-se com critério sobre todos os assuntos de interesse público” (NOSSO OBJECTIVO, 1917).

Sua estrutura mudou com o passar dos anos à medida em que foram incluídos em sua programação novos colaboradores, documentos imagéticos e novas tecnologias tipográficas. Nos primeiros anos, entre 1917 e 1919, o periódico contava, em média, com quatro páginas. Nas folhas iniciais, reclames assinados por colaboradores e anônimos figuravam como as principais informações. Colunas como “Conselhos Úteis” – espaço direcionado para o compartilhamento e divulgação de assuntos relacionados à lavoura –, “Vida Religiosa” – ligada às questões religiosas e sociais da Grande Iguassú – e “Pela Instrução” – informes sobre escolas, exames, professores e demais queixas referentes ao âmbito escolar – figuravam na chamada inicial. Nas páginas subsequentes, o espaço era ofertado à propaganda de estabelecimentos,

14 Como pontuado por Dias (2014), o *Correio da Lavoura* foi outra experiência jornalísticas empreendida por Silvino Azeredo encaminhada a partir do “d’ O Iguassú”, como é informado aos leitores na edição que abre os trabalhos do novo periódico em 22 de março de 1917. Não é possível inferir quantas e/ou quais outras experiências o fundador do semanário iguaçuano tenha experienciado no curso de seus dias. A folha encontra-se digitalizada e disponível para acesso e consulta em: http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/2/simple-search?query=&sort_by=score&order=desc&rpp=10&filter_field_1=subject&filter_type_1>equals&filter_value_1=Imprensa+-+Nova+Igua%C3%A7u+%28RJ%29&etal=0&filtername=subject&filterquery=Correio+da+Lavoura+-+Nova+Igua%C3%A7u+%28RJ%29&filtertype>equals. Acesso em 25 set. 2023.

15 A coluna “Nosso Objectivo” foi uma das poucas assinadas por Azeredo, segundo o levantamento que fizemos até o momento.

como açougues, cinemas e armazéns de produtos diversos, assim como outros anunciantes.

Entre as demandas oportunizadas por Azeredo nas divisas do jornal, a questão da lavoura ocupava um lugar importante e, por vezes, antagônico. Ora apresentada como motivo primeiro da riqueza da nação, já que “lavoura quer dizer aumento de produção barateamento da vida, opulência do erário nacional, riqueza do produtor, em suma, a felicidade humana” (O NOSSO ANIVERSÁRIO, 1919, p. 1), em outros momentos, é apresentada como “atraso” e “retrocesso”, onde “o diagnóstico de retrocesso na agricultura seria responsável também pelo atraso no desenvolvimento do país” (DIAS, 2014a, p. 33).

O semanário objetivava inculcar em sua audiência um pertencimento à terra e as questões municipais, nos moldes do que Hobsbawn e Ranger (1997) estabeleceram como “invenção de uma tradição”. Para além desse ponto, passagens natalícias, eventos comemorativos, notícias locais, regionais e até mesmo internacionais compunham parte do que era veiculado ao público iguaçuano. As colunas eram produzidas por diferentes colaboradores, muitos apenas nomeados no rodapé do informe.

Contudo, escrutinando os documentos imagéticos que corriam nos informes de aniversários, em diálogo com as proposições de Burke (2004) para o trato com os documentos imagéticos, foi possível arrolar quem eram os escritores e suas respectivas fotografias. Dado os limites desse instrumento e ciente de que ao incidir luzes sobre determinado aspecto, deixa-se ao largo tantos outros não perspectivados, como por exemplo, tratarei adiante, os colaboradores negros nos periódicos da família Azeredo.

Presença Negra? Os Casos do *A Crítica* e o *14 de Dezembro*.

Silvino Azeredo, enquanto capitaneou o *Correio da Lavoura*, cooptou um quantitativo significativo de colaboradores para sua empreitada. A partir do envio de exemplares para outras redações e tipografias, procurava edificar laços, ao colocar sob análise de seus pares suas produções. Em certa medida, esses sujeitos, tal como Silvino Silvério e Jarbas Cordeiro, que se relacionavam por e a partir do *Correio da Lavoura* com outros periódicos – *A Razão* e o *A Manhã*, por exemplo – tinham como eixo comum a todos a Grande Iguassú. Entre esses, seus filhos figuram como parte considerável do montante. Ao lado do pai, Sylvio de Azeredo, Silvino de Azeredo Filho, Luiz de Azeredo e Avelino de Azeredo, homens pardos e pretos, atuavam nas fileiras jornalísticas. No entanto, não foram os únicos. Conforme o semanário iguaçuano se consolidava como expoente local/regional, este possivelmente converteu-se em uma espécie de centro gravitacional que atraía outros intelectuais para as suas fileiras. (PIASSÁ, 2023).

Silvino Silvério, sócio de Azeredo na empreitada do periódico, onde figurou desde as primeiras publicações como jornalista e correspondente atuante. Não se sabe, ainda, como Azeredo e Silvério teceram laços de amizade e trabalho.

Contudo, Dias (2014b) em seu artigo “Pelo salutar manejo da enxada e do arado” fornece informações significativas, ao tratar sobre Alfredo Jardim, outro colaborador do *Correio da Lavoura*, ao informar aos seus leitores que esse foi jornalista-proprietário do *Correio de Iguassú*, periódico onde Azeredo trabalhou e que antecedeu o semanário iguaçuano. É possível inquirir que Azeredo e Silvério tenham trabalhado juntos nesse jornal e, este último, estava acompanhado de outros jornalistas, como por exemplo, Celso Hermínio, Joaquim Elydio da Silveira e Jarbas Cordeiro, que também se faziam presentes nas publicações e representavam o periódico iguaçuano nas mais diferentes ocasiões e eventos. Esses intelectuais atuavam em mais de uma folha simultaneamente, seja no *Correio da Lavoura*, *A Crítica* ou *14 de Dezembro*, assim como exerciam outras funções fora do periódico, como por exemplo, o cargo de professores.

Figura 2



Prof. Joaquim E. da Silveira. Fonte: Álbum de personalidades. Disponível em: <http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4615> Acesso em 16/09/2023.

Figura 3



Celso Hermínio. Fonte: Álbum de personalidades. Disponível em: <http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4614> Acesso em 16/09/2023.

Figura 4



Silvino Silverio. Sócio-fundador do Correio da lavoura. Fonte: Álbum de personalidades. Disponível em: <http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4615> Acesso em 16/09/2023

Na trilha jornalística construída por e a partir do semanário iguaçuano, o periódico *A Crítica*, fundado em 17 de junho de 1928 por Avelino de Azeredo e Sylla Filizola, é outra folha jornalística encabeçada por um dos integrantes da família Azeredo¹⁶ (NASCIMENTO, 2011). Como comunicado em sua primeira edição, o periódico é uma continuação de um “jornalzinho fundado nessa cidade em 1920” (PRIMEIRA PALAVRAS, 1928, p. 1) nas palavras de seus idealizadores.

O jornal segue a mesma estrutura aplicada no *Correio da Lavoura*, isto é, muitas colunas com textos associados à poucas imagens. Constando inicialmente com quatro páginas, apresenta-se ao público como “literário, crítico e noticioso”. Juntamente com anunciantes locais, informes esportivos, charadas, críticas sociais e datas religiosas, diversos poemas são publicados. Alguns exaltando a figura feminina, prática não tão comum no periódico de seu pai.

Sobre seus proprietários, Avelino Azeredo e Sylla Filizola¹⁷, não é possível apontar com precisão os motivos e (des)caminhos que aproximaram os dois sujeitos. Com o auxílio da compilação produzida pelo Repositório Institucional de Múltiplos Acervos – RIMA – da Universidade Federal Rural em Nova Iguaçu – UFRRJ, intitulada “álbum de personalidades” foi possível localizar vestígios imagéticos do colaborador de Avelino na sua experiência jornalística. No entanto, ao que indicam os vestígios imagéticos, Filizola era um sujeito não-preto¹⁸ que se aproximou da família Azeredo, o que só reforça como esses intelectuais entrecruzavam suas redes de sociabilidades e solidariedade nos mais plurais pertencimentos étnicos.

As chamadas do *A Crítica* possuíam temas diversificados: “Minha alegria”, “Silhueta Feminina”, “Palmadinhas”, “Crítica Social”, “Perfis Esportivos”, “Fogos de Artíficos” e “Charadas” eram alguns dos reclames expostos à audiência, quase sempre assinadas somente com as iniciais dos nomes dos publicadores. Um tom romântico e lírico acompanhava certos escritos, o que pode indicar que a folha pedia para uma dinâmica mais literária.

Em um caminho oposto ao *Correio da Lavoura*, que atuava e incidia sobre as questões das urbes, o *A Crítica*, ao que indicam os vestígios, optou por empreender uma dinâmica mais ligada às questões de foro

16 Entre o final dos anos 1920 e início dos anos 1930, o *Correio da Lavoura* passa a ser capitaneado por Avelino de Azeredo e Luiz de Azeredo. (DIAS, 2014a)

17 O objetivo geral desse artigo foi trabalhar com as experiências negras nas imprensas da Grande Iguassú. Por essa questão, não cabe aqui o vestígio imagético do jornalista Sylla Filizola. No entanto, havendo interesse na busca, visitar: <http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/bitstream/1235813/4604/1/1929-30.pdf>. Acesso: em 26 set. 2023.

18 Como o objetivo dessa empreitada foi abordar a temática da imprensa por e a partir do viés da população negra, optei aqui por afrocentrar os termos e proposições apresentados.

íntimo, mais subjetivo. Os aniversários dos colaboradores do *Correio da Lavoura* e do *14 de Dezembro* se faziam recorrentes.

A partir de 1929, o periódico, publicado aos domingos, estampa em sua capa apenas o nome de Avelino de Azeredo como proprietário, indiciando que os laços anteriormente instituídos haviam sido desfeitos, o que, mais uma vez, vai ao encontro do *fazer* intelectual. Outro sujeito que compartilhou suas produções com a folha de Avelino Azeredo foi Jarbas Cordeiro, poeta, escritor e correspondente dos periódicos iguaçuanos. Jarbas Cordeiro, para além dos vínculos laborais com os Azeredo, atuou como professor na rede municipal de Iguassú, oficial do gabinete do prefeito Arruda Negreiros e como Superintendente de Instrução Municipal em Iguassú.

Figura 5



Luiz de Azeredo. Fonte: Álbum de personalidades. Disponível em: <http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/bitstream/1235813/4604/1/1929-30.pdf> Acesso em 26/09/2023.

Figura 6



Avelino de Azeredo. Fonte: Álbum de personalidades. Disponível em: <http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4615> Acesso em 16/09/2023.

Figura 7



Jarbas Cordeiro. Fonte: Álbum de personalidades. Disponível em: <http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4616> Acesso em 16/09/2023.

Sobre o *14 de Dezembro*, folha sob os cuidados de Sylvio de Azeredo, pouco se sabe. Parte das menções sobre o periódico estão reunidas nas notas comemorativas e natalícias publicadas no *Correio da Lavoura*. Nas colunas veiculadas, é informado à audiência as presenças do primogênito de Silvino de Azeredo e seu companheiro de estrada, Jarbas Cordeiro na condução da empreitada. Até o momento, não foram localizadas publicações que tenham sobrevivido à passagem do tempo. Tampouco foi possível identificar qual o teor das publicações e quais outros temas ali eram tratados.

No entanto, Albuquerque Júnior (2019) salienta que nós, historiadores, acontecimentalizamos¹⁹ os fatos, isto é, a partir dos vestígios e indícios²⁰ localizados e calcados em signos de realidade, produzimos uma *invenção*, uma das compreensões possíveis sobre esses *outros presentes*. Assim sendo, tomando como base as particularidades identificadas entre os periódicos da família Azeredo, é possível propor que sua temática, ainda que contivesse algumas aproximações, também localizadas nas outras folhas, seguiria

19 Propondo um diálogo com Foucault (1978) e Albuquerque Júnior (2019), o acontecimento seria algo que está diretamente relacionado como o cotidiano dos sujeitos, e que, por vezes, passa despercebidos aos olhos mais desatentos. Caberia a nós, pesquisadores, segundo os autores, captarmos as descontinuidades, rupturas, pontos de inflexão, convergências e divergências que promoveram tais singularidade no tecido dos dias, fazendo emergir os jogos políticos que permeiam tais ações e movimentos.

20 Os indícios seriam as pegadas, marcas, transformações e/ou alterações produzidas pelos sujeitos no curso de seus dias. Os pesquisadores, assim como os detetives, investigadores e/ou caçadores, escrutinariam esses vestígios, buscando construir uma das interpretações possíveis para esses movimentos. (LEANDRO; PASSOS, 2021)

por caminhos distintos daquelas propostas inicialmente por Silvino de Azeredo.

Figura 8



Figura 8. Sylvio de Azeredo.

Fonte: Álbum de personalidades. Disponível em: <http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4615>

Acesso em 16 set. 2023.

Em linhas gerais, as folhas instituídas pela família Azeredo, para além de suas singularidades, procuravam edificar seus espaços de atuação e abrangência, assinalando-se como referencial jornalístico na/da Grande Iguaçu. E, nesse sentido, ao escrutinar os periódicos estudados por Pinto (2006; 2010) e as propostas empreendidas pelos Azeredo no município-sede de Iguaçu, distanciamentos em relação às práticas e condutas propostas por aqueles jornais analisados pela historiadora serão identificados.

Machado Júnior e Hamdan (2023, p. 14) ao apresentarem essa modalidade jornalística, informam que esse tipo de imprensa foi “uma forma encontrada pelos intelectuais e ativistas negros da época para reunir e fazer a população negra refletir e combater o racismo”. Isto significa que, apesar de estarem inseridos nesses núcleos, e sua presença ser perceptível, em alguns casos, não se viam ou se percebiam representados em suas questões, havendo a necessidade de se mobilizarem e se constituírem de forma mais orgânica e coesa. Dessa feita, ao relacionar a conduta empreendida nos periódicos pesquisados por Pinto (2006; 2010) e Machado Júnior e Hamdan (2023), e estabelecendo um cruzamento com as colunas publicadas nos periódicos da família Azeredo aqui apresentados, poucas notas sobre a temática negra foram localizadas. Em certa medida, escritas por Silvino Silvério.

No entanto, ao mesmo tempo em que as folhas se distanciam no quesito dos assuntos veiculados, a partir das fotografias aqui elencadas, pode-se perceber que, em certa medida, os periódicos convergem na direção de, pelo menos, um dos aspectos estabelecidos pela pesquisadora para delimitar o que foi a imprensa negra: feitos por homens negros. O intento dos vestígios imagéticos apresentados segue a proposta estabelecida por Burke (2004) para suas análises. Segundo o pesquisador, o uso das imagens pode jogar luzes sobre aspectos não perspectivados. Burke (2004) assim reflete:

O uso de imagens, em diferentes períodos, como objetos de devoção ou meios de persuasão, de transmitir informação ou de oferecer prazer, permite-lhes testemunhar antigas formas

de religião, de conhecimento, crença, deleite etc. Embora os textos também ofereçam indícios valiosos, imagens constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais nas vidas religiosa e política de culturas passadas (BURKE, 2004, p. 24).

Nesse sentido, e em diálogo com Burke (2004), as fotografias catalogadas pelo RIMA/CEDIM²¹ na seção intitulada “álbum de personalidades” conferem a possibilidade de personificação dos sujeitos que transitavam por e a partir dos jornais entronizados pela família Azeredo. Segundo Pinto (2006), esses sujeitos envolvidos com as mídias jornalísticas apresentavam às suas audiências, aquelas questões tidas como de primeira ordem. Dessa feita, é possível conjecturar que os espectros que marcam e moldam as vidas cidadinas, compareciam em suas escritas, sejam eles questões étnicas, raciais, sociais ou, até mesmo, a lavoura, a higiene e a instrução. A temática da profilaxia figurava, inclusive, nos programas sociais e educativos do período abarcado por esse artigo, o que vem reforçar o peso desses investimentos para os periódicos que se mobilizaram no território da Grande Iguazu.

Considerações finais

Ao chegar no final dessas poucas palavras, emergem nessa escrita mais questionamentos do que certezas. As imprensas negras, sem dúvida, foram operacionalizadas como uma das formas possíveis de resistência e enfrentamento ante as imposições do regime escravista brasileiro. Sua importância demonstra que, a despeito de todas as chagas, rebatimentos negativos e impedimentos impostos às pessoas negras pelo regime escravocrata, esses sujeitos resistiram, lutaram e avançaram na direção das conquistas sociais significativas. Múltiplas foram suas formas de (r)existência, sejam elas ligadas às questões das lutas armadas, constituição de quilombos, atuação nas esferas jurídicas, atuação nos âmbitos educacionais e, inclusive, na imprensa. A Baixada Fluminense recebeu um quantitativo significativo de migrações e egressos do cativo entre os últimos anos do período imperial e o início do novo século. Essas movimentações vão colaborar futuramente na formação populacional da região. Muitos desses sujeitos experimentaram algum tipo de migração influenciada, inclusive, por questões familiares e laborais, já que os novos centros urbanos que emergiam, transmutavam-se em centros de atração para esses trabalhadores. Assim sendo, a Grande Iguazu recebeu – e acolheu – esses migrantes que fizeram dessas terras seu lar. Silvino de Azeredo não foi exceção. Não se sabe, ao certo, os motivos que levaram, ainda na juventude, sua migração de Cachimbau para o centro da Vila de Iguassú. De igual modo, não é possível inferir o que o levou a sair e retornar, algumas vezes, para as “terras dos laranjais²²”. No entanto, é possível indiciar que este escolheu criar raízes e edificar sua modalidade jornalística no município-sede de Iguazu. Sua imprensa hoje está solidificada na memória e no folclore iguaçuano.

Foi possível inferir que os periódicos, dentro de seus escopos de atuação, empreenderam campanhas e, de certa forma obtiveram êxito, nas questões tidas como sensíveis. Entre elas, podemos citar a criação da casa de caridade Hospital Iguassú – Azeredo esteve como vice-presidente da instituição ao lado do prefeito local Arruda Negreiros, na primeira chefia – a constituição do Grupo Escolar Rangel Pestana e as entradas de seus colaboradores em espaços formais e difusos de poder, como a Superintendência Municipal de Instrução – posto delegado à Jarbas Cordeiro, correspondente do periódico de Azeredo – e cargos de liderança e confiança no Spor Club Iguassú – Manoel de Azeredo, Estácio de Azeredo ocupavam cargos de secretariado ao lado de político locais, a saber, vereadores e o prefeito –, eixos de saber-poder encarnados pelas elites iguaçuanas do período. Azeredo mobilizou uma significativa rede de sociabilidade e solidariedade por e a partir de sua folha, fazendo-se presente nos mais plurais estratos da sociedade local e regional.

21 Repositório de Múltiplos Acervos do Centro de Documentação e Imagem da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Sobre o repositório, ver: <http://rima.im.ufrrj.br:8080/jspui/>. Acesso em: 04 out. 2023.

22 O termo faz referência aos ciclos da citricultura, cultura empregada em larga escala no distrito-sede de Iguassú nas primeiras décadas do século XX, conforme Rodrigues (2006).

Se procurarmos estabelecer aproximações entre as propostas balizadas pela pesquisadora Ana Flávia Magalhães Pinto (2006; 2010; 2018) e as experiências jornalísticas instituídas pelos Azeredo, alguns distanciamentos, no que concerne à conduta e proposta editorial, se farão presentes. No entanto, o testemunho das imagens, assim como as ações empreendidas pelos sujeitos por ele comandados, conferem aos pesquisadores novas possibilidades de compreensão das modalidades jornalísticas que foram construídas na Grande Iguazu por esta família. As fronteiras que separam a presença negra da imprensa negra, a depender dos critérios de análise, podem ser difusas e heterogêneas. Entretanto, seja qual for o adjetivo atribuído, sem dúvidas, tais modalidades são fundamentais para uma melhor compreensão da atuação e luta dos povos negros no Brasil, no Estado do Rio de Janeiro e, em especial, na Grande Iguazu.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História – A arte de inventar o passado:** (ensaios de teoria de história). Curitiba: Appris Editora, 2019.

ALVES, Claudia. Contribuições de Jean-François Sirinelli à história dos intelectuais da educação. Uberlândia: **Educação e Filosofia**, v. 33, n. 67, p. 27-55, jan./abr., 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/47879>. Acesso em: 06 dez. 2023.

AVELINO DE AZEREDO. Álbum de personalidades. Correio da Lavoura. Disponível em: <http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4615> Acesso em: 16 set. 2023.

AZEREDO, Luiz Martins de. Silvino de Azeredo - Dados biográficos. **Correio da Lavoura**, Nova Iguazu, Suplemento Especial, 24 mar. 2007. Fonte: Arquivo pessoal de Vinicius Menezes de Azeredo.

BRASIL. **Lei n. 2.040, de 28 de setembro de 1871.** Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nasceram desde a data desta lei, libertos os escravos da Nação e outros, e providencia sobre a criação e tratamento daqueles filhos menores e sobre a libertação anual de escravos. *Coleção das leis do Império do Brasil*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 147, 1871. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm Acesso em: 06 dez. 2023.

BRASIL. **Lei n. 581, de 4 de setembro de 1850.** Estabelece medidas para a repressão do tráfico de africanos neste Império. *Coleção das leis do Império do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 267, v. 1, parte 1, 1850. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim581.htm Acesso em: 06 dez. 2023.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular:** história e imagem. São Paulo: EDUSC, 2004.

CELSO HERMÍNIO. Álbum de personalidades. Correio da Lavoura. Disponível em: <http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4614>. Acesso em: 16 set.2023.

COSTA, Carlos Eduardo Coutinho da. Migrações negras no pós-abolição do sudeste cafeeiro (1888-1940). Rio de Janeiro: **Topoi**, v. 16, n. 30, p. 101-126, jan./jun., 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/jkQ7K3v9WhjBKKdMmvs4kkz/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 06 dez. 2023.

DIAS, Amália. **Entre laranjas e letras:** processos de escolarização no município-sede de Iguazu (1916-1950). Rio de Janeiro: Quartet, 2014a.

DIAS, Amália. Pelo salutar manejo da enxada e do arado: o Correio da Lavoura e a causa da instrução em Nova Iguazu (1917-1950). **Nilópolis: Recôncavo: revista de História da Uniabeu**, v. 4, n. 6, p. 91-111, 2014b. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/reconcavo/article/view/1379> . Acesso em: 06 dez. 2023.

EM LETRAS GARRAFAS: o Correio da Lavoura e a Crítica na Baixada Fluminense (1917-2010). In: NASCIMENTO, Álvaro Pereira do (Org.). **Correio da Lavoura & A Crítica - Memória da Imprensa Fluminense**. Nova Iguazu, RJ: Secretaria de Cultura - RJ, 2011. 1 CD-ROM).

FORTE, José Matoso Maia. **Memórias da Fundação de Iguassú:** comemorativa do primeiro centenário da fundação da villa em 15 de janeiro de 1833. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1933.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia das ciências e a história dos sistemas de pensamento. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Ditos e Escritos**. Vol. II. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (Orgs.). **Intelectuais Mediadores:** práticas culturais e ação

política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IMPrensa NEGRA, HÁ 190 ANOS. **O Globo**. 8 set. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniaoflaviaoliveira/coluna/2023/09/imprensa-negra-ha-190-anos.ghtml> Acesso em: 06 dez. 2023.

JARBAS CORDEIRO. Álbum De Personalidades. **Correio da Lavoura**. Disponível Em: <http://Rima.Im.Ufrjr.Br:8080/Jspui/Handle/1235813/4616>. Acesso em: 16 set. 2023.

LEANDRO, Everaldo Gomes; PASSOS, Cármen Lúcia Brancaglion. O paradigma indiciário para análise de narrativas. **Educar em Revista**, v. 37, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/hk9sxtYY6BCfchxwYm3Q8zB/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 06 dez. 2023.

LUIZ DE AZEREDO. Álbum de personalidades. **Correio da Lavoura**. Disponível em: <http://rima.im.ufrjr.br:8080/jspui/bitstream/1235813/4604/1/1929-30.pdf>. Acesso em: 26 set. 2023.

MACHADO JÚNIOR., Joatan Nunes; HAMDAN, Juliana Cesário. O Silêncio dos Manuais Didáticos de História da Educação sobre a questão racial. **História em Revista**, n. 28, v. 2, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/issue/view/1185>. Acesso em: 06 dez. 2023

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MOLINA, Diego A. Luiz Gama. A vida como prova inconcussa da história. São Paulo: **Estudos Avançados**, v. 32 n. 92, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/MjRnKRrqy4fqpXTjccHtGVv/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 06 dez. 2023.

NOSSO ANIVERSÁRIO. **Correio da Lavoura**. 22 mar. 1919. Disponível em: <http://rima.im.ufrjr.br:8080/jspui/handle/1235813/796>. Acesso em: 10 out.2023.

NOSSO OBJECTIVO. **Correio da Lavoura**. 22 mar. 1917. Disponível em: http://rima.im.ufrjr.br:8080/jspui/bitstream/1235813/698/1/Correio%20da%20Lavoura_1_Mar%3a7o_1917%20%28finalizado%29.pdf. Acesso em: 10 out. 2023.

O HOMEM DE CÔR. **Biblioteca Nacional Digital**, 2023. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-homem-de-cor/>. Acesso em: 06 dez. 2023.

PIASSÁ, Diogo. **Silvino Azeredo em alguns de seus (des)caminhos trilhados**: notas sobre a Grande Iguassú, a imprensa negra e as campanhas empreendidas pelo *Correio da Lavoura* no distrito-sede de Iguassú (1917-1939). Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De Pele Escura e Tinta Preta**: a imprensa negra no século XIX. Brasília: Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, 2006.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Escritos da liberdade**: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil Oitocentista. Campinas: Editora Unicamp, 2018.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa negra no Brasil do século XIX**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

PRIMEIRAS PALAVRAS. **A Crítica**. 17 jun. 1928. Disponível em: <http://rima.im.ufrjr.br:8080/jspui/handle/1235813/8332>. Acesso em: 10 out. 2023.

PROF. JOAQUIM E. DA SILVEIRA. Álbum de personalidades. **Correio da Lavoura**. Disponível em: <http://rima.im.ufrjr.br:8080/jspui/handle/1235813/4615>. Acesso em: 16 set. 2023.

REPOSITÓRIOS DIGITAIS. **Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia**. Disponível em: <http://sitehistorico.ibict.br/informacao-para-ciencia-tecnologia-e-inovacao%20/repositorios-digitais> Acesso em: 06 dez. 2023.

RODRIGUES, Adrianno Oliveira. **De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833-90's)**: economia e território em processo. Rio de Janeiro, RJ, 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SILVINO DE AZEREDO. Fotografia pertencente ao Arquivo Pessoal de Vinicius Menezes de Azeredo, 2007.

SILVINO SILVERIO. Álbum de personalidades. **Correio da Lavoura**. Disponível em: <http://rima.im.ufrjr.br:8080/>

jspui/handle/1235813/4615. Acesso em: 16 set. 2023.

SIMÕES, Manoel Ricardo. **A Cidade Estilhaçada**: reestruturação econômica e emancipações municipais na Baixada Fluminense. Niterói: Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, 2006.

SYLVIO DE AZEREDO. Álbum de personalidades. **Correio da Lavoura**. Disponível em: <http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4615>. Acesso em 16 set. 2023.

TINGUÁ CONSERVA PEDAÇO DA MATA ATLÂNTICA. **Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade**. Ministério do Meio Ambiente, 2015. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/noticias/destaque/tingua-conserva-pedaco-de-mata-atlantica> Acesso em 06/12/2023.